

Como a Cinderela, Zélia vai a jantar de carruagem

Nova Iorque — A carruagem parou entre Limusines e Rolls Royces, engarrafando o trânsito numa rua estreita de Manhattan, e alguns repórteres logo identificaram a mulher toda de negro, meia-rendada e sem bolsa que um cavalheiro ajudou a descer.

— É a ministra Zélia! - exclamaram.

A ministra Zélia chegou assim, como uma Cinderela, para o jantar oferecido pela Varig ao presidente Fernando Collor, que no final, por volta de uma hora da madrugada, convidou todos a voltar a pé para o Hotel Plaza, a uns seis quarteirões de distância.

“A pé, mas não corra” — pediu a Collor um dos convidados, Roberto Marinho, da Rede Globo.

O Le Cirque, um dos mais famosos restaurantes de Nova Iorque, na Rua 63 quase esquina da Park Avenue, foi onde o ex-ministro Bresser Pereira almoçou, pouco antes de sair, com os ministros da Economia da Argentina e do México, para discutir uma estratégia comum dos países

devedores para o tratamento da dívida externa.

O presidente Collor, que na Itália comparou os carros brasileiros a carroças, chegou, ao contrário da ministra Zélia, num Lincoln Continental, ofuscado pelo Rolls Royce 66 do pintor colombiano Fernando Botero, que também jantava no Le Cirque. Rosane Collor vestia um casaco brocado com um estampado discreto, e pegou a mão do marido para cruzar os fotografos.

A chegada da ministra Zélia numa carruagem provocou um comentário de um importante convidado do jantar: “A moça está numa fase...” Uma repórter elogiou o seu cabelo. E ela comentou: “Fiz em Brasília” Sorriu ao ouvir que estava “muito elegante”.

“A senhora está sugerindo, ao preferir um cavalo a um carro, em Nova Iorque, uma alternativa para a alta dos preços da gasolina?” brincou um repórter.

“Não achei táxi”, contou,

enquanto se afastava do chefe de seu gabinete, Sérgio Nascimento, que a ajudou a descer da carruagem e ia abraçar e beijar seu irmão, Emiliano Leopoldo.

Zélia resumiu as negociações que vem conduzindo em Washington: “Acho que os resultados são positivos. Fiz contatos não só com o FMI, mas também com o Clube de Paris e com os bancos credores. Tivemos oportunidade de marcar o início de negociações com os bancos privados. E já iniciamos as do Clube de Paris. Acredito que possamos fazer progressos.”

A proposta brasileira ao Clube de Paris, como a própria Zélia explicou depois do jantar, na madrugada de ontem, “é fazer um reescalonamento da dívida, que tem um vencimento pesado nos próximos quatro anos”. O Brasil tem que pagar um bilhão de dólares por ano (Cr\$ 82 bilhões) e está oferecendo menos.

“Entreguei a proposta. E vamos agora esperar o retorno”, ela disse.